



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

ENTRE TRAMAS E ARQUIVOS: DOCUMENTAÇÃO E HISTÓRIA DO VESTUÁRIO EM DOIS ESTUDOS DE CASO DE ACERVOS DO BRASIL

Between Weaves and Archives: Documentation and Dress History in Two Case Studies of Collections in Brazil

Andrade, Rita Morais de; D.ra; Universidade Federal de Goiás e Unifesp, ritaandrade@ufg.br¹
Antunes, Daniele Caroline; M.a; Universidade Federal de São Paulo, daniele.antunes@unifesp.br²
Ribeiro, Sarah Victória Marques; B.el; Universidade Federal de São Paulo, svmribeiro@unifesp.br³
Grupo de Pesquisa Indumenta: dress and textiles studies in Brazil⁴

Resumo: Este trabalho investiga como as instituições museológicas brasileiras documentam o vestuário e de que forma essa prática impacta a escrita da história da indumentária. A pesquisa analisou dois estudos de caso, uma casaca masculina do século XIX e uma vestimenta cerimonial Kaingang, para discutir classificações, critérios curatoriais e acessibilidade das informações. Buscou-se evidenciar tensões coloniais e propor reflexões decoloniais sobre memória, identidade e gênero no campo do vestuário, da museologia e da história.

Palavras chave: História do vestuário; Documentação museológica; Decolonialidade.

Abstract: This work investigates how Brazilian museological institutions document dress and how this practice impacts dress history. The research analyzes two case studies, a nineteenth-century men's coat and a Kaingang ceremonial garment, to discuss classifications, curatorial criteria, and accessibility of information. It sought to highlight colonial tensions and propose decolonial reflections on memory, identity and gender in the field of dress, museology and history.

Keywords: Dress History; Museum documentation; Decoloniality.

¹ Professora Titular na Universidade Federal de Goiás - UFG. Professora Orientadora no PPG História da Arte da Universidade Federal de São Paulo - DHA, EFLCH/Unifesp. Líder do Grupo de Pesquisa (certificado pelo CNPq desde 2016) Indumenta: dress and textiles studies in Brazil. Criadora e coordenadora dos projetos Podcast Outras Costuras, <http://www.vestiresmulheresykaraja.com> e @indumenta.br

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo - DHA, EFLCH/Unifesp. Membro do Grupo de Pesquisa Indumenta: dress and textiles studies in Brazil. Vice-coordenadora do projeto Podcast Outras Costuras

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo - DHA, EFLCH/Unifesp. Membro do Grupo de Pesquisa Indumenta: dress and textiles studies in Brazil. Vice-coordenadora do projeto @indumenta.br

⁴ Grupo de pesquisa certificado e registrado no diretório dos grupos de pesquisa do Brasil/CNPq. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/231202> Acesso em 28 jul 2025.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Introdução

O vestuário, mais do que um artefato de uso cotidiano, constitui-se como um documento cultural capaz de comunicar valores sociais, identitários e políticos, pois nele se inscrevem práticas, relações sociais e regimes de significação (Meneses, 1993). Nesse sentido, roupas devem ser analisadas enquanto portadoras de sentidos históricos, vinculados a estruturas de poder, gênero e pertencimento. Ao tratar do vestuário como evidência histórica, enfatiza que sua materialidade é indissociável das práticas sociais que o produziram e utilizaram, aproximando o estudo das roupas à noção de “documento vivo”(Taylor, 2002). A vida social desses objetos assume significados diversos que dependem dos contextos culturais e históricos em que se inserem, revelando tensões entre os usos originais e as reinterpretações institucionais que os transformam em acervo (Appadurai, 2008).

Nesse contexto, os museus desempenham papel central na mediação das narrativas de identidade, gênero e pertencimento. Como instituições de memória, eles não apenas conservam objetos, mas produzem discursos sobre quem deve ser lembrado e de que forma. Essa prática evidencia aspectos da colonialidade dos saberes, que denuncia os modos pelos quais classificações museológicas, supostamente neutras, reforçam hierarquias epistêmicas e silenciamentos (Mignolo, 2008).

As roupas, ao adentrarem os acervos, deixam de ser apenas testemunhos materiais de experiências passadas e tornam-se agentes de disputas simbólicas, nas quais se inscrevem as tensões entre patrimônio, etnografia e decolonialidade. A investigação crítica desses processos possibilita ampliar o campo da história do vestuário no Brasil, reposicionando as roupas como arquivos de identidades plurais e como espaços de resistência contra o apagamento histórico.

Este trabalho discute o modo como o vestuário é documentado em instituições museológicas no Brasil, e como essa documentação impacta as possibilidades de pesquisa na história do vestuário. A partir de uma reflexão crítica sobre os modos de reconhecimento, classificação, preservação e disponibilização de indumentárias por museus, propõe-se pensar as roupas não apenas como objetos de moda ou etnografia, mas como documentos culturais e históricos que comunicam valores identitários, de gênero e de (de)colonialidade.

A pesquisa parte da colaboração entre uma professora-orientadora e duas orientandas do Programa de Pós-Graduação em História da Arte, e tem como foco dois estudos de caso representativos: uma casaca masculina bordada,



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

pertencente ao acervo da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, e uma vestimenta cerimonial feminina do povo Kaingang, atualmente sob guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Os dois trajes, oriundos de contextos históricos, sociais e culturais distintos, permitem uma análise comparada dos procedimentos curatoriais, critérios de classificação e estratégias de inventário e acessibilidade da informação.

Interessa-nos observar como os discursos museológicos moldam a visibilidade e a legibilidade desses vestires: no primeiro caso, por meio de uma abordagem patrimonialista voltada à elite urbana do século XIX; no segundo, por intermédio de práticas etnográficas que muitas vezes silenciam os modos indígenas de produção e significação do vestir. A pesquisa examina os metadados de catalogação, a terminologia empregada, a ênfase (ou ausência dela) em aspectos como autoria, uso e contexto sociocultural, bem como os modos de exposição ou ocultamento desses artefatos nos acervos digitais.

Ao confrontar a materialidade das peças com os regimes institucionais que as fixam como "documentos", buscamos evidenciar as tensões entre a inscrição colonial da museologia e as possibilidades de práticas decoloniais no trato com o vestuário. Este trabalho é, portanto, uma investigação crítica sobre as condições de possibilidade de se escrever uma história do vestir no Brasil a partir dos acervos museológicos. Ao propor uma análise situada e interseccional das práticas documentais, buscamos contribuir com o campo dos estudos da moda, da museologia e da história da arte, ampliando os debates sobre memória, identidade e política nos modos de arquivar e tornar públicas as roupas que atravessam a história do país.

Metodologia e abordagem

Com o objetivo de investigar as vestimentas dos povos originários da região do Paraná, em especial da comunidade Kaingang, iniciou-se uma busca em acervos locais e, posteriormente, em instituições do estado de São Paulo. Nesse processo, foi identificado um acervo significativo no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), inicialmente acessado por meio de pesquisa online dos itens vestíveis catalogados. Até o presente momento, foi realizada uma visita técnica ao museu, durante a qual realizou uma análise visual preliminar da superfície têxtil da peça em exposição e a coleta de informações institucionais. A metodologia envolve análise



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

documental, visitas técnicas, exame dos metadados disponíveis no acervo e comparação dos sistemas de classificação adotados.

A definição do objeto de pesquisa ocorreu após a participação da pesquisadora em uma palestra de um profissional do MAE-USP, que apresentou a exposição “Resistência Já!” e destacou a veste de parteira Kaingang. Esse evento motivou o contato institucional e a escolha da peça como fonte principal de análise. A seleção justifica-se pela relevância simbólica e cultural da parteira na comunidade Kaingang, figura central na transmissão de saberes ancestrais relacionados ao corpo, à vida e à espiritualidade. Esta indumentária, expressa pertencimento étnico, gênero e práticas rituais, permitindo também refletir sobre a materialidade do vestir como registro de práticas sociais e de narrativas femininas frequentemente silenciadas.

A pesquisa encontra-se em andamento e apresenta limitações decorrentes do acesso ao acervo. A peça permanece em exposição até dezembro de 2025, o que dificulta um estudo material detalhado no presente momento. O acesso direto ao objeto depende de aprovação do comitê da instituição, processo que pode levar até três meses e requer documentação acadêmica formal. Assim, até agora, a análise restringe-se às observações realizadas durante a visita, às informações disponibilizadas pela exposição e aos dados acessíveis em plataformas digitais. Cabe destacar que, durante a busca, foi constatada carência de vestimentas Kaingang tecidas em acervos museológicos, o que reforça a importância deste exemplar para a pesquisa.

Em relação aos trajes da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, no momento de escrita deste artigo, houve apenas uma visita à instituição para conhecer e compreender o espaço em que a peça está situada. Nessa visita foi possível compreender visualmente o seu antigo local de exposição e demais itens do acervo institucional, entre esses, outros têxteis.

O conhecimento sobre a existência de tais objetos deu-se através da orientadora da pesquisa em andamento que, ao visitar a Fundação, deparou-se com a casaca e o colete expostos. Descobertas dessas presenças têxteis em instituições museus como esta que aconteceu são comuns visto que nem sempre os itens estão catalogados ou possuem quaisquer informações de que estejam ali.

Cada objeto material possui características que lhes são particulares e determinam os métodos de preservação e conservação dentro dos museus. Com objetos construídos a partir do tecido não é diferente. Assim, entre os objetivos



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

da pesquisa de mestrado está a compreensão da matéria-prima que compõe ambos os objetos, as técnicas de manufaturas a eles empregadas e de quais formas tanto a primeira quanto a última estavam inseridas no contexto da história do vestuário brasileiro.

A metodologia aplicada é a pesquisa baseada em objetos de vestuário de Ingrid Mida e Alexandra Kim (2019), uma adaptação ao campo da metodologia object-based research do historiador de arte Jules Prown (1982), que foi originalmente aplicada aos estudos em cultura material. O processo envolve visitas à reserva técnica da Fundação, a análise e interpretação dos dados tanto disponíveis quanto ausentes relacionados aos objetos, prevê a análise do material têxtil desses itens em estudo e a articulação das informações obtidas em relação a outras fontes documentais e bibliográficas da pesquisa.

Estudo de caso 1: A casaca bordada da Fundação Maria Luiza e Oscar Americano

Os objetos de análise deste estudo de caso são a casaca e o colete utilizados por Francisco de Paula Souza e Mello que se encontram na Fundação Maria Luisa e Oscar Americano (FMLOA) localizada no bairro Morumbi da cidade de São Paulo. O conjunto é composto pela casaca de veludo verde e um colete bordado, ambos doados pela família Souza e Mello para a instituição.

Para além das instituições especializadas no cuidado patrimonial de itens de vestuário ou têxteis e aquelas que sinalizam em seus acervos a presença desses, a descoberta da existência desse tipo de objeto em museus, por vezes, é uma circunstância influenciada pelo acaso. Assim ocorreu em relação a descoberta desses dois itens dentro da Fundação pela orientadora da atual pesquisa de mestrado que se dedica a eles. O interesse inicial pelas peças estava relacionado à investigação de seus bordados, mas foi redirecionado pela curiosidade em entender a estada dos itens dentro daquele ambiente.

Durante a visita guiada pelos assistentes educativos e a museóloga responsável, levantou-se a hipótese de que o traje estaria exposto (Figura 1) desde os primeiros anos da casa enquanto instituição e ficou exposto até o primeiro semestre de 2025. Contudo, as peças já não faziam parte da exposição no momento da visita em maio de 2025 para dar lugar a outros objetos que seriam alocados em seu espaço. Esse novo espaço expositor e os seus objetos ainda estão sendo construídos pela equipe da Fundação.



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 1: Exposição da casaca e do colete dentro da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano.



Fonte: Acervo online da FMLOA, 2025. Fotografia: Renato Leary.

Na seção reservada ao acervo no site encontram-se informações gerais sobre os itens da Fundação. Ele é constituído por pinturas, mobiliário, prataria, porcelana, tapeçaria e arte sacra, além de possuir três núcleos principais: Brasil Colônia, Brasil Império e Mestres do Século XX. Nele estão preservados também documentos relacionados à história do país. Há alguns itens têxteis presentes na exposição, mas, segundo a museóloga, somente três trajes e apenas um deles estava exposto, o conjunto da casaca e colete. No entanto, não é possível fazer uma pesquisa detalhada sobre um item específico e obter suas informações de forma digital.

O que se sabe sobre a casaca até o momento da pesquisa são as informações presentes na legenda que a acompanhava na exposição (Figura 2). A partir dessa, sabemos da pessoa provável a quem o traje foi



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

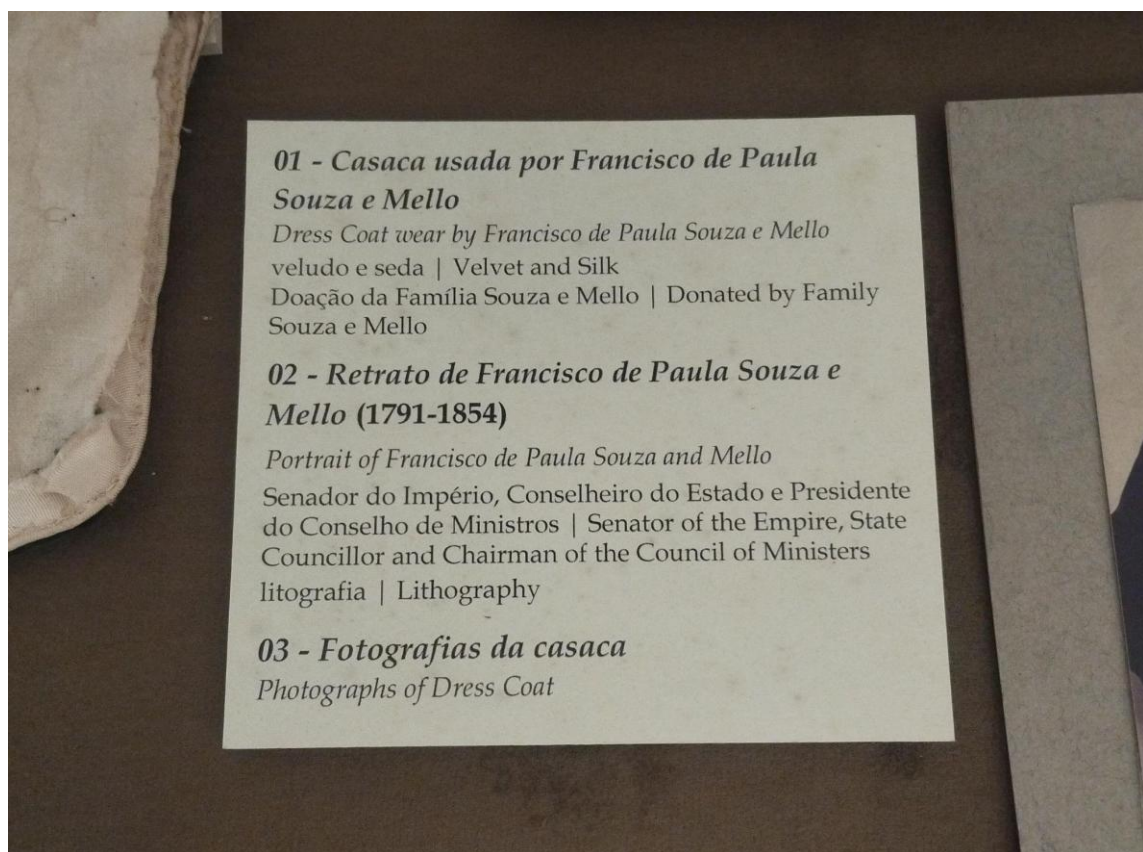
19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

confeccionado e por ele usado. Francisco de Paula Souza e Mello ou Paula Souza, seu nome parlamentar, foi um político e proprietário rural brasileiro. Sua relação com a história brasileira pode ser um dos indícios da razão pela qual a casaca foi doada por sua família à Fundação.

Figura 2: Legenda da casaca.



Fonte: Fotografia tirada pela equipe da Fundação, 2024.

Informações como o número de registro dos itens, documentos que comprovem o modo de aquisição, se os objetos fazem parte de uma coleção específica ou a maneira como foram conservados não estão disponíveis para acesso da pesquisadora e não é possível nem afirmar que existam visto que, na visita supracitada, foi comunicado que a ficha do traje não havia sido encontrada.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A ausência de informações sistematizadas sobre itens de vestuário em museus é bastante comum e acaba por impactar no tratamento de objetos dessa natureza em seus acervos. Ao mesmo tempo, tal ausência pode instigar pesquisas novas que visam investigar os sentidos da presença de trajes em espaços museológicos brasileiros.

Outras informações sobre o traje puderam ser coletadas através da legenda e de fotos compartilhadas pela equipe institucional. Atesta-se que o tecido da casaca é de veludo na cor verde escuro e supõe-se que o colete seja de seda em cor clara bordada em grande parte com motivos florais. Neste momento inicial da investigação, trata-se de uma inferência a partir de análise superficial visual e dos dados biográficos do objeto. A casaca é forrada por um tecido claro que pode também ser a seda, conforme informa a legenda, além disso, o tecido do colete tem o brilho característico desse material têxtil.

É comum que itens de vestuário preservados em acervos museológicos tenham pertencido a indivíduos das elites sociais ou a personalidades historicamente reconhecidas, como ocorre com o traje em análise. Essa prevalência se justifica, em parte, pelo fato de que essas peças estavam menos expostas ao desgaste do uso cotidiano, ao contrário das roupas utilizadas por membros das classes trabalhadoras, cujas vestimentas frequentemente se deterioravam com o tempo e o uso intenso. No entanto, o fato de essas roupas estarem associadas a figuras da elite não as isenta de processos de invisibilização, especialmente quando há ausência ou escassez de informações contextualizadoras nos registros institucionais.

Os objetos permaneceram expostos por longos períodos sem a adoção dos cuidados específicos necessários à preservação de vestimentas históricas, o que suscita uma série de reflexões. Entre elas, destacam-se o motivo da aquisição e exibição do traje por uma instituição privada vinculada à memória da história colonial brasileira; a função atribuída a esses objetos no contexto expositivo; e os discursos que podem emergir a partir de sua presença nesse espaço. Refletir sobre essas questões contribui para compreender o papel desse vestuário no interior da instituição e seu potencial para compor os fragmentos — ou retalhos — da história do vestuário no Brasil.

Estudo de caso 2: a vestimenta Kaingang no MAE-USP

A vestimenta de parteira Kaingang, confeccionada exclusivamente por um Pajé, constitui-se hoje como um artefato de grande raridade, o que explica a limitada disponibilidade de informações a seu respeito. O exemplar



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

encontra-se na seção de Etnologia Brasileira do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), integrando a coleção doada pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (CGGESP), datada de 1906 e proveniente do Rio Feio, atualmente denominado rio Aguapeí, no estado de São Paulo. O item foi confeccionado em fibra vegetal de urtiga e apresenta 47 cm de largura, 95,5 cm de comprimento e 0,7 cm de diâmetro. Contudo, os registros disponíveis não fornecem informações precisas sobre a comunidade de origem, a aldeia específica, detalhes da expedição ou o período exato de coleta. Atualmente, o artefato encontra-se em exibição na mostra “Resistência Já!”, de onde retiramos as informações sobre o objeto.

Figura 3: Peça catalogada do acervo para consulta online.



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025



Registro - Artefato	
Nº de Registro MAE	RG 05285
Área científica	1. Etnologia Brasileira
Coleção	1. Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (CGGESP)
Cultura/Povo Indígena	1. Kaingang
Terra Indígena	sem dados
Aldeia	1. sem dados
Sítio Arqueológico	1. não se aplica
Sigla Sítio Arqueológico	não se aplica
Coletor/Coletorador	1. Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (CGGESP)
Projeto/Expedição	sem dados
Data coleta/registro	1906
Local coleta/registro	Rio Feio
Município/Cidade	sem dados
Estado	1. sem dados
País	1. Brasil
CATEGORIA	ETN_AJORNIOS DE MATERIAIS ECLÉTICOS, INDUMENTÁRIA E TOLUCADO
Objeto/Formato	Vestimenta
Descrição do objeto	Camisolão de fibra de Urutá
Autoria	1. sem dados
Cronologia/Período	sem dados
Matéria prima	1. Fibra vegetal
Altura (cm)	não se aplica
Largura (cm)	47,0
Comprimento (cm)	95,5
Diâmetro (cm)	0,7
Dimensões do suporte	não se aplica
Peso	sem dados
Inscrições	sem dados
Legenda	sem dados
Conservação	
Estado de Conservação	Ruinoso

Fonte: Acervo online do MAE-USP, 2025.

A exposição “Resistência Já! Fortalecimento e União das Culturas Indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena”, em cartaz no MAE-USP desde 15 de março de 2019 e prevista para até o final de 2025, é fruto de um projeto



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

de uma década liderado pela professora Marília Xavier Cury (Souza, 2019). A mostra é um trabalho colaborativo entre o museu e representantes dos povos Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena, originários da região centro-oeste do Estado de São Paulo. A proposta expositiva foi construída de forma participativa, com os próprios indígenas atuando diretamente em todas as etapas do processo curatorial, desde a seleção de objetos, vestimentas e fotografias, coletados entre o final do século XIX e 1947, até a representação de suas histórias e tradições (MAE-USP, 2025).

A professora Marília Xavier Cury tem se dedicado, nos últimos anos, ao desenvolvimento de novas estratégias para a organização de exposições e acervos etnográficos, com ênfase em práticas colaborativas (Queiroz, 2022). Para Cury (2022), é importante que os museus, atualmente, dialoguem com as comunidades locais, em vez de apenas falarem sobre elas, permitindo que elas assumam o papel de curadores e narradores de suas histórias.

Um exemplo desse processo foi o relato de Dirce Jorge, representante Kaingang, que identificou um item previamente classificado como “camisão sem mangas” como sendo, na verdade, uma veste tradicionalmente utilizada por parteiras de seu povo, conhecida como Kuru-Kóthin-vẽ-jẽ-jú. De acordo com o Acervo MAE-USP (Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, 1906), o item é um modelo curto, confeccionado manualmente, com costuras laterais que unem suas partes, é considerado sagrado e só pode ser feito por um Kujã, que, segundo o entendimento do Pajé Kujã, a parteira “benzia pra protegê. Por isso, todas as crianças que nasciam seriam abençoadas. Elas acreditavam assim. A vó [Candire] foi partera, mas ela nunca usô [essa roupa]. ... Ser uma partera, a gente [Dirce Jorge] tem o dom que Deus dá. É uma virtude você tá ajudando uma pessoa dá luz, pô uma criança no mundo, você faiz parte de tudo aquilo. Quando você ajuda colocá uma criança no mundo, ele é teu filho. É assim que nós, panteras, consideramos, nossos filhos. A primeira face que ele vê é da partera, primera coisa que ele sente é as mão da partera, é segunda mãe. É uma virtude muito grande, uma emoção, também, muito grande. ... Essa roupa é sagrada e só pode ser feita por um Kujã.” Esse reconhecimento, para Cury (2022), demonstra como práticas colaborativas e o diálogo com os povos indígenas possibilitam a requalificação dos acervos, ampliando os significados atribuídos aos objetos e promovendo a humanização das coleções museológicas.

Figura 4: Roupas de parteira na exposição ‘Resistência Já!’.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025



Foto: Ader Gotardo / MAE- USP⁵.

A curadoria da exposição “Resistência Já!” foi concebida em sintonia com as práticas decoloniais propostas atualmente pelas instituições museológicas. Essa abordagem não apenas ressignifica o objeto, mas também revela a ausência de autoria indígena e o silenciamento das classificações coloniais, que, especialmente nos estudos etnográficos, frequentemente ignoraram os contextos de produção e uso dos objetos indígenas, privando-os de seus significados originais e silenciando seus criadores. Cury (2022) afirma que o foco deve ser em dialogar com os povos indígenas, e a curadoria compartilhada, como a realizada no MAE-USP, evidencia o potencial das práticas colaborativas na requalificação dos acervos e no reconhecimento da agência indígena.

Esse gesto curatorial tenta romper com a lógica colonial de apropriação e apagamento. Para Ribeiro (2019), a negação da autoria a sujeitos historicamente marginalizados é um dos pilares da colonialidade do saber, que classifica o conhecimento indígena como ancestral, mas sem autor. Ao permitir que representantes indígenas atribuam nomes, funções e sentidos aos objetos, o museu abre espaço para o que Walter Mignolo (2008) denomina “pensamento de

⁵ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/museus-etnograficos-ressignificam-colecoes/>



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

fronteira”: uma rearticulação dos saberes a partir das margens, por meio da escuta e do diálogo intercultural. A roupa, antes reduzida a uma peça sem nome e sem contexto, torna-se, nesse processo, um testemunho de um saber ancestral vivo, reatualizado pela palavra e pela memória de quem o carrega. A crítica aos enquadramentos coloniais, portanto, concretiza-se na prática museológica quando os povos indígenas deixam de ser representados para se tornarem representantes de si.

A presença da veste de parteira Kaingang na exposição é um exemplo do potencial transformador das práticas curatoriais colaborativas na descolonização dos acervos museológicos. O item, que o inventário do museu identificava como “camisão sem mangas”, teve sua função cultural restituída a partir do reconhecimento de um representante Kaingang. Esse gesto de reidentificação desafia o apagamento promovido por séculos de epistemologia colonial, que classificou objetos indígenas sob categorias genéricas, removendo-os de seus contextos sociais e simbólicos. Ao envolver os povos indígenas em todas as etapas do processo curatorial, o museu adota uma postura dialógica, reconhecendo que os detentores dos saberes tradicionais são também os mediadores de suas memórias. A descolonização dos acervos, nesse sentido, não se limita à revisão de nomenclaturas, mas implica o reconhecimento da autoridade intelectual e política dos povos originários sobre seus patrimônios (Cury, 2022). Essas práticas colaborativas permitem a emergência de uma curadoria insurgente (Souza, 2019), que rompe com os paradigmas da neutralidade científica e da representação verticalizada. Ao abrir espaço para que os próprios sujeitos históricos contem suas histórias, os museus se tornam lugares de escuta, reparação e construção coletiva de sentidos. A roupa de parteira, assim, deixa de ser apenas um objeto etnográfico para se tornar um elo vivo entre o passado e o presente, ativado pela memória e pela presença de quem a reconhece.

Análise comparativa: entre patrimonialização e etnografia

A vestimenta cerimonial Kaingang, sob guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP), e o conjunto de casaca e colete do acervo da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano (FMLOA) evidenciam regimes distintos de documentação, visibilidade e acesso aos trajes históricos no Brasil. No caso da casaca e do colete, a patrimonialização insere o objeto em um discurso de preservação da memória da elite política do século XIX. Sua presença no museu deve-se mais ao valor biográfico de Francisco de Paula Souza e Mello, figura ligada ao poder. A



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

ausência de ficha catalográfica e de documentação acessível revela fragilidades nos processos institucionais, além de tornar o acesso ao pesquisador dependente do acaso da visita presencial.

Já a vestimenta Kaingang exemplifica os desafios e avanços da etnografia museológica. Originalmente catalogada de forma genérica como “camisão sem mangas”, foi requalificada por meio do diálogo com representantes Kaingang, que a identificaram como traje ritual de parteira. Essa reinterpretação, a partir de práticas curatoriais colaborativas, busca romper com os silenciamentos coloniais que inviabilizam a autoria indígena e sua agência sobre os significados do objeto (Cury, 2022; Souza, 2019). Assim, o traje torna-se testemunho vivo de um regime de verdade que reconhece o “pensamento de fronteira” (Mignolo, 2008), em oposição ao conhecimento colonial.

Os dois exemplos demonstram que a forma de documentar o vestuário nos museus brasileiros continua marcada por limites e potências, e a sua visibilidade, depende tanto da política institucional de catalogação quanto do engajamento crítico que permita sua ressignificação, pois as ausências documentais dificultam narrativas amplas e interseccionais, mas também abrem espaço para metodologias decoloniais e colaborativas, que reposicionam sujeitos historicamente marginalizados como protagonistas de sua memória, além de pensar práticas de documentação mais transparentes, acessíveis e inclusivas, capazes de reconhecer o vestuário como documento histórico complexo, inscrito em disputas de gênero, classe e etnicidade (Ribeiro, 2019). Assim, estes estudos revelam caminhos possíveis para práticas curatoriais futuras, baseadas na colaboração e na construção de narrativas plurais.

Considerações Finais

As pesquisas sobre o vestuário nos acervos museológicos devem assumir o desafio de problematizar silêncios documentais, identificar lacunas institucionais e tensionar discursos hegemônicos. Para a museologia e as práticas curatoriais futuras, a tarefa não se restringe à preservação material, mas envolve também a construção de políticas de acesso e mediação que contemplem memórias plurais, assegurando que roupas, sejam elas da elite urbana ou de povos originários, sejam reconhecidas como documentos vivos de identidades, relações sociais e processos históricos.

Assim, mais do que coleções estáticas, os acervos de vestuário podem se tornar espaços de escuta e diálogo, promovendo não apenas a conservação de objetos, mas a ativação de memórias, saberes e narrativas que contribuam



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

para uma história do vestir no Brasil mais inclusiva, crítica, plural e decolonial, capazes de ressignificar objetos, restituir sentidos e ampliar as possibilidades de escrita e da vivência atualizada e viva da história do vestir.

Referências

ANDRADE, Rita Moraes de. **Boué Soeurs RG 7091: a biografia cultural de um vestido**. 2008. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

CURY, Marília Xavier. Entrevista concedida a Queiroz, T. Curadoria compartilhada e protagonismo indígena nos museus. **Revista Museologia em Perspectiva**, n. 12, 2022.

MIDA, Ingrid E.; KIM, Alexandra. **The dress detective: a practical guide to object-based research in fashion**. Londres: Bloomsbury Academic, 2019.

MIGNOLO, Walter. Epistemologia do Sul e pensamento de fronteira: a desobediência epistêmica como política de conhecimento. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2008.

QUEIROZ, Christina. Museus etnográficos ressignificam coleções: instituições estabelecem diálogos com povos indígenas identificando novos sentidos para seus acervos. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, ed. 322, dez. 2022. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/museus-etnograficos-ressignificam-colecoes/>. Acesso em: 08 jun 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SOUZA, Matheus. **Indígenas contam sua própria história em nova exposição na USP**. Disponível em: https://jornal.usp.br/cultura/indigenas-contam-sua-propria-historia-em-nova-exposicao-na-usp/?fbclid=IwAR1dZn-V50CTgPNv3gaamXx3WEMOEOSyI2l7Q4MdSmZw4nZGM_VT46e63l8. Acesso em 08 jun 2025.

SOUZA, Renata Malcher de Araújo. Curadorias insurgentes: experiências decoloniais em museus etnográficos. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2019.

PROWN, Jules David. **Mind in matter: an introduction to material culture theory and method**. Winterthur Portfolio, v. 17, n. 1, p. 1-19, abr. 1982. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/496065>. Acesso: ago. 2025.